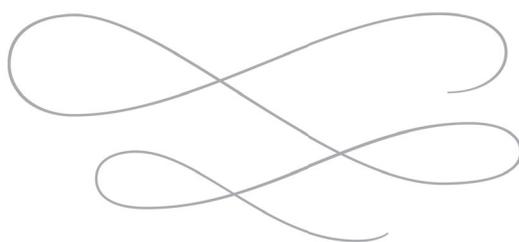


o livro sobre como
enfrentar o tabu que não
te deixa ser quem és
alan watts

Tradução de Isabel Baptista

NOTA DO EDITOR



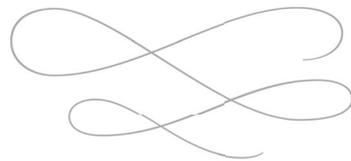
Esta obra, escrita nos anos 60 do século passado, apresenta algumas passagens que poderão ser consideradas controversas. No entanto, dada a importância da obra do autor, consideramos fundamental a publicação deste livro, sem qualquer tipo de edição ao texto original, deixando ao leitor a indicação de que o mesmo deve ser lido e compreendido à luz do contexto histórico e temporal em que foi escrito.

AOS MEUS FILHOS E NETOS

Joan, David, Elizabeth, Christopher

Tia, Mark, Richard, Lila, Diane

Ann, Myra, Michael



ÍNDICE

PREFÁCIO ♦ 13

Um
INFORMAÇÃO PRIVILEGIADA ♦ **15**

Dois
O JOGO DO PRETO E BRANCO ♦ **37**

Três
COMO SER UMA AUTÊNTICA FRAUDE ♦ **67**

Quatro
O MUNDO É O SEU CORPO ♦ **103**

Cinco
E AGORA? ♦ **127**

Seis
ISTO ♦ **159**

OS LIVROS ♦ 181

PREFÁCIO



Este livro explora um tabu enorme, mas não reconhecido — a nossa conspiração tácita para ignorarmos quem somos ou o que realmente somos. Resumidamente, a tese é a de que a sensação prevalente que o indivíduo tem de si mesmo, como sendo um ego separado, encerrado num invólucro de pele, é uma alucinação que não está de acordo nem com a ciência ocidental nem com as filosofias-religiões experimentais do Oriente — em particular, com a filosofia vedanta central e primordial do hinduísmo. Esta alucinação está na base da utilização incorreta da tecnologia para a subjugação agressiva do ambiente natural do homem e, conseqüentemente, para a sua eventual destruição.

Temos, portanto, uma necessidade urgente de uma noção da nossa própria existência que esteja de acordo com os factos físicos e que suplante a nossa sensação de sermos alheios ao universo. Com este objetivo, recorri aos conhecimentos de

ALAN WATTS

vedanta, apresentando-os, no entanto, num estilo completamente moderno e ocidental — por isso, este volume não tenta de maneira nenhuma ser um livro didático ou uma introdução ao vedanta no sentido comum. É, antes, uma combinação da ciência ocidental com uma intuição oriental.

Devo um agradecimento particular à minha mulher, Mary Jane, pelo cuidadoso trabalho editorial e pelos comentários ao manuscrito. Agradeço também à Fundação Bollingen pelo apoio a um projeto que incluía a redação deste livro.

Sausalito, Califórnia

Janeiro, 1966

ALAN WATTS

UM

**INFORMAÇÃO
PRIVILEGIADA**



Exatamente o que é que um jovem deve saber para estar «a par»? Por outras palavras, existe alguma informação privilegiada, algum tabu especial, alguma revelação real sobre a vida e a existência que a maioria dos pais e professores não sabe ou não conta?

Em tempos, no Japão, era costume dar aos jovens prestes a casar um «livro de almofada». Tratava-se de um pequeno volume de gravuras em madeira, muitas vezes coloridas, que mostravam todos os pormenores das relações sexuais. Não era apenas porque, como dizem os chineses, «uma imagem vale dez mil palavras». Era, também, porque poupava aos pais o embaraço de explicar estes assuntos íntimos cara a cara. Porém, hoje em dia, no Ocidente, podemos obter este tipo de informação em qualquer banca de jornais. O sexo já não é, de facto, um tabu. Por vezes, os adolescentes sabem mais sobre ele do que os adultos.

Mas se o sexo já não é o grande tabu, então o que é?

Porque há sempre *alguma coisa* tabu, alguma coisa reprimida, não admitida, ou apenas brevemente vislumbrada pelo canto do olho, porque um olhar direto é demasiado perturbador. Os tabus residem dentro de outros tabus, como as camadas de uma cebola. Qual seria, então, O Livro que os pais poderiam passar discretamente aos filhos, e as mães, às filhas, sem nunca o admitirem abertamente?

Em alguns círculos há um forte tabu em relação à religião, mesmo naqueles onde as pessoas vão à igreja ou leem a Bíblia. Aqui, a religião é um assunto privado de cada um. Não é apropriado falar ou discutir sobre ela, e é muito mal visto fazer grandes demonstrações de piedade. No entanto, quando penetramos no interior de quase todas as religiões-padrão, perguntamo-nos por que motivo havia tanto silêncio. Claro que O Livro a que me refiro não é a Bíblia, «o Bom Livro» — essa fascinante antologia de sabedoria antiga, de história e de fábula, que durante tanto tempo foi tratada como uma vaca sagrada, que poderia muito bem ser guardada durante um século ou dois, para que os homens pudessem voltar a escutá-la com os ouvidos limpos. Existem, de facto, segredos na Bíblia, e alguns bastante subversivos, mas estão todos tão abafados em complicações, em símbolos arcaicos e em maneiras de pensar ultrapassadas que o cristianismo se tornou incrivelmente difícil de explicar a um indivíduo na atualidade. Isto é, a não ser que nos contentemos em diluí-lo, para sermos bons e para tentarmos imitar Jesus, mas nunca ninguém explica *como* se faz isso. Para o fazer é preciso ter um poder particular concedido por Deus, conhecido como «graça», mas tudo o que realmente sabemos sobre a graça é que alguns a recebem e outros, não.

As religiões-padrão, sejam elas judaica, cristã, maometana, hindu ou budista — tal como são praticadas atualmente —, são como minas esgotadas: muito difíceis de escavar. Com algumas exceções, que não são fáceis de encontrar, as suas ideias sobre o homem e o mundo, o seu imaginário, os seus ritos e as suas noções sobre o que é uma vida correta não parecem ajustar-se ao universo tal como o conhecemos agora, ou a um mundo humano que está a mudar tão rapidamente que muito do que se aprende na escola já está obsoleto no dia da formatura.

O Livro em que estou a pensar não seria religioso no sentido habitual, mas teria de discutir muitas coisas com que as religiões se têm preocupado — o universo e o lugar do homem no universo, o misterioso centro da experiência a que chamamos «eu próprio», os problemas da vida e do amor, do sofrimento e da morte, e toda a questão de saber-mos se a existência tem algum significado em *qualquer* sentido da palavra. Porque há uma perceção crescente de que a existência é, afinal, uma corrida de ratos encurralados numa armadilha: os organismos vivos, incluindo as pessoas, são meros tubos que metem coisas numa extremidade e as deixam sair pela outra, e que se sustentam a fazer isso, mas que, a longo prazo, os desgasta. Assim, para manter esta farsa, os tubos arranjam maneira de fazer novos tubos, que também metem coisas numa ponta e as deixam sair pela outra. Na extremidade da entrada, chegam mesmo a desenvolver gânglios de nervos chamados cérebros, com olhos e ouvidos, para poderem procurar mais facilmente coisas para engolir. Quando obtêm o suficiente para comer, gastam o seu excesso de energia movimentando-se em padrões complicados,

fazendo todo o tipo de ruídos ao aspirar e expelir ar para dentro e para fora do orifício de entrada e juntando-se em grupos para lutar contra outros. Com o tempo, os tubos desenvolvem uma tal abundância de aparelhos acoplados que já mal são reconhecíveis como simples tubos, e conseguem fazer isto numa espantosa variedade de formas. Existe uma regra vaga de não comer tubos com a nossa própria forma, mas, em geral, há uma séria competição para ver quem será o melhor tipo de tubo. Tudo isto parece incrivelmente fútil e, no entanto, quando se começa a pensar no assunto, começa a ser mais incrível do que fútil. De facto, parece extremamente estranho.

É um tipo especial de iluminação ter esta sensação de que o habitual, a forma como as coisas normalmente são, é estranho — inquietante e altamente improvável. G. K. Chesterton disse uma vez que uma coisa é ficar espantado com uma górgona ou um grifo, criaturas que não existem; mas outra coisa bem diferente e muito mais elevada é ficar espantado com um rinoceronte ou uma girafa, criaturas que existem realmente mas que parecem improváveis. Este sentimento de estranheza universal inclui uma interrogação básica e intensa sobre o sentido das coisas. Porquê, de todos os mundos possíveis, temos esta abundância colossal e aparentemente desnecessária de galáxias num *continuum* espaciotemporal misteriosamente curvo, estas miríades de espécies tubulares diferentes em jogos frenéticos de competição, estas inúmeras formas de «existir», desde a arquitetura elegante do cristal de neve ou da diatomácea até à magnificência surpreendente do pássaro-lira ou do pavão?

Ludwig Wittgenstein e outros filósofos «lógicos» modernos tentaram suprimir esta pergunta, dizendo que não tem qualquer significado e que não deve ser feita. A maior parte dos problemas filosóficos ficam resolvidos se nos livrarmos deles, chegando ao ponto em que as perguntas como «Porquê este universo?» passam a ser uma espécie de neurose intelectual, um uso incorreto das palavras, na medida em que a pergunta *parece* sensata, mas, na verdade, é tão desprovida de sentido como perguntar «Onde está este universo?», quando as únicas coisas que estão em algum lado têm de estar algures dentro do universo. A tarefa da filosofia é curar as pessoas de tal disparate. Wittgenstein, como veremos, tinha alguma razão neste ponto. No entanto, o espanto não é uma doença. O espanto, e a sua expressão na poesia e nas artes, está entre as coisas mais importantes que parecem distinguir os homens dos outros animais, e as pessoas inteligentes e sensíveis dos idiotas.

Haverá, então, algum tipo de informação sobre este espantoso esquema das coisas, algo que nunca chega verdadeiramente a ser divulgado através dos canais habituais da Resposta — as religiões e as filosofias históricas? Há. Já foi dito repetidas vezes, mas de uma maneira que nós, hoje em dia, nesta civilização em particular, não o ouvimos. Não nos apercebemos de que é totalmente subversivo, não tanto no sentido político e moral, mas no sentido de que vira a nossa visão comum das coisas, o nosso senso comum, do avesso e de pernas para o ar. É claro que pode ter consequências políticas e morais, mas, até agora, não temos uma ideia clara de quais possam ser. Até agora, esta revolução interior da mente tem estado confinada

a indivíduos bastante isolados; nunca, tanto quanto sei, foi amplamente característica de comunidades ou sociedades. Foi muitas vezes considerada demasiado perigosa para isso. Daí o tabu.

Todavia, o mundo está numa situação extremamente perigosa, e as doenças graves exigem muitas vezes o risco de uma cura perigosa — como o soro de Pasteur para a raiva. Não é que não possamos simplesmente fazer explodir o planeta com bombas nucleares, estrangularmo-nos com o excesso de população, destruir os nossos recursos naturais através de uma má conservação, ou arruinar o solo e os seus produtos com químicos e pesticidas mal compreendidos. Além de tudo isto, existe a possibilidade de a civilização ser um enorme sucesso tecnológico, mas através de métodos que a maioria das pessoas considerará desconcertantes, assustadores e desorientadores — porque os métodos estarão simplesmente sempre a mudar. Pode ser como jogar um jogo em que as regras estão constantemente a ser alteradas sem nunca serem esclarecidas — um jogo do qual não se pode sair sem cometer suicídio e no qual nunca se pode regressar a uma versão mais antiga do jogo.

Mas o problema do homem e da técnica é quase sempre colocado de forma errada. Diz-se que a humanidade evoluiu de forma unilateral, crescendo em poder técnico sem qualquer crescimento comparável em integridade moral ou, como alguns preferem dizer, sem um progresso comparável em termos de educação e de pensamento racional. No entanto, o problema é mais básico. A raiz da questão é a forma como nos sentimos e nos concebemos como seres humanos, a nossa sensação de estarmos vivos, de existência

e de identidade enquanto indivíduos. Sofremos de uma alucinação, de uma sensação falsa e distorcida da nossa própria existência como organismos vivos. A maior parte de nós tem a sensação de que «eu próprio» é um núcleo separado de sentimento e ação, que vive no interior do corpo físico e é limitado por ele — um núcleo que «confronta» um mundo «externo» de pessoas e coisas, contactando através dos sentidos com um universo simultaneamente estranho e alheio. As figuras de linguagem quotidianas refletem esta ilusão. «Eu vim para este mundo.» «Tens de *enfrentar* a realidade.» «A conquista da natureza.»

Este sentimento de sermos visitantes solitários e muito temporários no universo está em contradição flagrante com tudo o que se sabe sobre o homem (e todos os outros organismos vivos) nas ciências. Nós não «vimos» a este mundo; nós *provimos* dele, como as folhas provêm de uma árvore. Como o oceano «ondula», o universo «povoa». Cada indivíduo é uma expressão de todo o reino da natureza, uma ação única do universo total. Este facto é raramente, ou nunca, experienciado pela maioria dos indivíduos. Mesmo aqueles que sabem que isto é verdade em teoria não o sentem nem têm essa noção, continuando a ter consciência de si próprios como «egos» isolados dentro de sacos de pele.

O primeiro resultado desta ilusão é que a nossa atitude para com o mundo «exterior» a nós é largamente hostil. Estamos sempre a «conquistar» a natureza, o espaço, as montanhas, os desertos, as bactérias e os insetos, em vez de aprendermos a cooperar com eles numa ordem harmoniosa. Na América, os grandes símbolos desta conquista são o buldózer e o foguetão — o instrumento que transforma as

colinas em áreas planas para pequenas caixas feitas de material ordinário e o grande projétil fálico que rasga os céus. (No entanto, temos bons arquitetos que sabem como encaixar casas nas colinas sem estragar a paisagem, e astrónomos que sabem que a Terra está muito distante no espaço, e que a nossa primeira necessidade para explorarmos outros mundos são instrumentos eletrónicos sensíveis que, tal como os nossos olhos, trarão os objetos mais distantes para dentro dos nossos cérebros.)¹ A atitude hostil de conquistar a natureza ignora a interdependência básica de todas as coisas e dos acontecimentos — que o mundo, além da pele, é, de facto, uma extensão do nosso próprio corpo — e acabará por destruir o próprio ambiente do qual emergimos e do qual depende toda a nossa vida.

O segundo resultado de sentirmos que somos mentes separadas num universo alheio e, na sua maioria, estúpido é não termos nenhum senso de *comunidade*, nenhuma forma de dar sentido ao mundo em que estejamos comumente de acordo. É apenas a minha opinião contra a tua e, por isso, o propagandista mais agressivo e violento (e, portanto, insensível) é que toma as decisões. Uma confusão de opiniões contraditórias unidas pela força da propaganda é a pior fonte de controlo possível para uma tecnologia poderosa.

Pode parecer, então, que precisamos de um génio para inventar uma nova religião — uma filosofia de vida e uma visão do mundo — que seja plausível e geralmente aceitável para o final do século xx, e através da qual cada indivíduo

¹ «Não acredito que algo realmente útil resulte da exploração do monte de escória que constitui a superfície da Lua. Ninguém deve imaginar que o enorme orçamento financeiro da NASA implica que a astronomia está agora bem apoiada.» Fred Hoyle, *Galaxies, Nuclei, and Quasars*. Harper & Row, Nova Iorque, 1965.

possa sentir que o mundo como um todo e que a sua própria vida em particular têm significado. Como a história tem demonstrado repetidamente, isto não é o suficiente. As religiões são divisórias e conflituosas. São uma forma de afirmação da superioridade individual, porque dependem da separação entre os «salvos» e os «condenados», entre os verdadeiros crentes e os hereges, entre o grupo de dentro e o grupo de fora. Até os liberais religiosos jogam o jogo do «nós somos mais tolerantes do que vocês». Além disso, enquanto sistemas de doutrina, de simbolismo e de comportamento, as religiões endurecem e tornam-se instituições que têm de manter a lealdade, de se proteger e de se manter «puras», e — porque toda a crença é uma esperança fervorosa e, portanto, um disfarce para a dúvida e a incerteza — têm de angariar convertidos. Quanto mais pessoas concordarem conosco, menor será a insegurança incómoda sobre a nossa posição. O indivíduo acaba por estar empenhado em ser cristão ou budista, independentemente dos novos conhecimentos que forem surgindo. Ideias novas e indigestas têm de ser enfiadas à força na tradição religiosa, por mais inconsistentes que sejam com as suas doutrinas originais, para que o crente possa continuar a tomar a sua posição e a afirmar: «Sou, antes de mais, um seguidor de Cristo/Maomé/Buda, ou de quem quer que seja.» O compromisso irrevogável com qualquer religião não é apenas um suicídio intelectual; é uma completa falta de fé, porque fecha a mente a qualquer nova visão do mundo. A fé é, acima de tudo, abertura — um ato de confiança no desconhecido.

Uma vez, uma fervorosa Testemunha de Jeová tentou convencer-me de que, se existisse um Deus de amor, ele

certamente forneceria à humanidade um manual fiável e infalível para a orientação da conduta. Respondi que nenhum Deus atencioso destruiria a mente humana, tornando-a tão rígida e inadaptável a ponto de depender de um só livro, a Bíblia, para todas as respostas. Porque a utilidade das palavras, e, portanto, de um livro, é apontar para lá delas mesmas, para um mundo de vida e de experiência que não seja apenas de meras palavras ou mesmo de ideias. Tal como o dinheiro não é uma riqueza real e consumível, os livros não são vida. Idolatrar as escrituras é como comer papel-moeda.

Por isso, O Livro que gostaria de passar aos meus filhos seria, em si mesmo, resvaladiço. Deixá-los-ia resvalar para um novo domínio, não apenas de ideias, mas também de experiência e de sentimento. Seria um medicamento temporário, não uma dieta; um ponto de partida, não um ponto de referência perpétuo. Lê-lo-iam e estaria concluído, porque, se estivesse bem escrito e de forma clara, não teriam de voltar a ele uma e outra vez, à procura de significados ocultos ou para clarificar doutrinas obscuras.

Não precisamos de uma nova religião nem de uma nova Bíblia. Precisamos de uma nova experiência — de um novo sentimento do que é ser «eu». A verdade (que é, afinal, a perspectiva mais secreta e profunda) sobre a vida é que a nossa sensação normal do «eu» é um embuste ou, na melhor das hipóteses, um papel temporário que estamos a desempenhar, ou que fomos induzidos a desempenhar — com o nosso próprio consentimento tácito, tal como qualquer pessoa hipnotizada está basicamente disposta a ser hipnotizada. O tabu mais fortemente imposto, entre todos os tabus conhecidos, é o de não sabermos quem ou o que

somos realmente por detrás da máscara do nosso ego aparentemente separado, independente e isolado. Não estou a pensar no bárbaro Id, ou Inconsciente, de Freud como a verdadeira realidade por detrás da fachada da personalidade. Freud, como veremos, estava sob a influência de uma moda do século XIX chamada «reducionismo», uma curiosa necessidade de desvalorizar a cultura e a inteligência humanas, chamando-lhe um subproduto fortuito de forças cegas e irracionais. Trabalharam então arduamente para provar que afinal as uvas podem crescer em espinheiros².

Como tantas vezes acontece, o que suprimimos e ignorámos é algo surpreendentemente óbvio. A dificuldade reside no facto de ser *tão* óbvio e básico que dificilmente conseguimos encontrar palavras para o descrever. Os alemães chamam-lhe *Hintergedanke*, uma apreensão que se encontra tacitamente no fundo da nossa mente e que não conseguimos admitir facilmente, nem mesmo para nós próprios. A sensação do «eu» como um centro solitário e isolado do ser é tão poderosa e consensual, e tão fundamental para os nossos modos de falar e pensar, para as nossas leis e instituições sociais, que não conseguimos experienciar a individualidade exceto como algo superficial no esquema do universo. Eu pareço ser uma breve luz que brilha apenas uma vez em todas as eras do tempo — um organismo raro, complicado e demasiado delicado à margem da evolução biológica, onde a onda de vida irrompe em gotas individuais, cintilantes e multicoloridas que brilham apenas por um momento antes de desaparecerem para sempre. Sob tal condicionamento, parece impossível e até absurdo perceber que eu não resido

² Referência a Mateus, 7:16. (N. de T.)

apenas na gota, mas em toda a onda de energia que vai desde as galáxias até aos campos nucleares do meu corpo. Neste nível de existência, «eu» sou incomensuravelmente velho; as minhas formas são infinitas e as suas idas e vindas são simplesmente os impulsos ou as vibrações de um único e eterno fluxo de energia.

A dificuldade em perceber que isto é assim está no facto de o pensamento conceptual não o conseguir apreender. É como se os olhos tentassem olhar diretamente para si próprios, ou como se tentássemos descrever a cor de um espelho no que se refere às cores lá refletidas. Tal como a visão é algo mais do que todas as coisas que vemos, o fundamento ou «a base» da nossa existência e da nossa consciência não pode ser compreendido em termos de coisas que são conhecidas. Somos, por isso, forçados a falar dele através do mito — isto é, através de metáforas especiais, analogias e imagens que dizem como ele *se parece*, e não como ele *é*. Num extremo do seu significado, «mito» é fábula, falsidade ou superstição. Contudo, num outro extremo, «mito» é uma imagem útil e frutuosa através da qual compreendemos a vida, da mesma forma que podemos explicar as forças elétricas comparando-as com o comportamento da água ou do ar. No entanto, o «mito», neste segundo sentido, não deve ser tomado à letra, tal como a eletricidade não deve ser confundida com o ar ou com a água. Assim, ao utilizar o mito, é preciso ter cuidado para não confundir a imagem com o facto, o que seria como subir ao poste de sinalização em vez de seguir a estrada.

O mito é, portanto, a forma como tento responder quando as crianças me fazem aquelas perguntas metafísicas

fundamentais que tão facilmente lhes vêm à cabeça: «De onde é que veio o mundo?»; «Porque é que Deus fez o mundo?»; «Onde é que eu estava antes de ter nascido?»; «Para onde é que as pessoas vão quando morrem?». Tenho verificado repetidamente que parecem ficar satisfeitas com uma história simples e muito antiga, que é mais ou menos assim:

«Nunca houve um momento em que o mundo começasse, porque ele dá voltas e voltas como um círculo, e não há nenhum ponto num círculo onde ele comece. Olha para o meu relógio, que diz as horas; ele dá voltas, e assim o mundo se vai repetindo a si mesmo. Mas tal como o ponteiro das horas do relógio sobe até às doze e desce até às seis, também há dia e noite, acordar e dormir, viver e morrer, verão e inverno. Não pode haver uma coisa sem a outra, porque não conseguiríamos saber o que é o preto se não o tivéssemos visto lado a lado com o branco, ou o que seria branco se não o víssemos lado a lado com o preto.

» Da mesma forma, há momentos em que o mundo existe, e momentos em que não existe, porque se o mundo continuasse sem descanso para todo o sempre, ficaria terrivelmente cansado de si próprio. Ele vem e vai. Agora vê-se, agora não se vê. Por isso, como não se cansa de si próprio, volta sempre depois de ter desaparecido. É como a nossa respiração: entra e sai, entra e sai, e se tentarmos retê-la o tempo todo, sentimo-nos mal. É também como o jogo das escondidas, porque é sempre divertido encontrar novas formas de nos escondermos e procurar alguém que não se esconde sempre no mesmo sítio.

» Deus também gosta de brincar às escondidas, mas como não existe nada fora de Deus, não tem mais ninguém

para brincar a não ser ele próprio. Mas ele ultrapassa esta dificuldade fingindo que não é ele próprio. É a sua maneira de se esconder de si próprio. Ele finge que és tu e que sou eu e todas as pessoas do mundo, todos os animais, todas as plantas, todas as rochas e todas as estrelas. Desta forma, ele vive aventuras estranhas e maravilhosas, algumas das quais são terríveis e assustadoras. Mas essas aventuras são apenas como os pesadelos, pois, quando ele acorda, elas desaparecem.

» Ora, quando Deus brinca às escondidas e finge que és tu e que sou eu, fá-lo tão bem que leva muito tempo a lembrar-se de onde e de como é que se escondeu. Mas é aí que está a graça — isso é exatamente o que ele queria fazer. Ele não quer encontrar-se demasiado depressa, porque isso estragaria o jogo. É por isso que é tão difícil para ti e para mim descobrirmos que somos Deus disfarçado, a fingir não ser ele próprio. Mas quando o jogo já estiver a demorar muito tempo, todos nós iremos acordar, deixaremos de fingir e lembrar-nos-emos de que somos todos um único Ser — o Deus que é tudo o que existe e que vive para todo o sempre.

» É claro que é preciso lembrarmo-nos de que Deus não tem a forma de uma pessoa. As pessoas têm pele e há sempre alguma coisa por fora da nossa pele. Se assim não fosse, não saberíamos distinguir entre o que está dentro e o que está fora do nosso corpo. Mas Deus não tem pele nem forma porque não tem exterior. (Com uma criança suficientemente inteligente, ilustro este facto com uma fita de Moebius — um anel de fita, torcido de forma a só ter um lado e uma aresta.) O interior e o exterior de Deus são o mesmo. E embora tenha estado a falar de Deus como «ele»

e não como «ela», Deus não é homem nem mulher. Eu não disse «aquilo» porque normalmente dizemos «aquilo» para objetos inanimados.

» Deus é o Eu do mundo, mas tu não podes ver Deus pela mesma razão que, sem um espelho, não podes ver os teus próprios olhos, tal como não podes morder os teus próprios dentes ou olhar para dentro da tua cabeça. O teu Eu está muito habilmente escondido porque é Deus a esconder-se.

» Podes perguntar-te porque é que Deus se esconde por vezes sob a forma de pessoas horríveis, ou se faz passar por pessoas que passam por graves doenças e sofrimentos. Lembra-te, em primeiro lugar, de que na verdade ele não está a fazer isso a ninguém, a não ser a si próprio. Lembra-te também de que, em quase todas as histórias de que gostas, tem de haver pessoas más e pessoas boas, porque a emoção do conto é descobrir como é que as pessoas boas vão levar a melhor sobre as más. É o mesmo que acontece quando jogamos às cartas. No início do jogo, baralhamo-las todas numa confusão, que é como as coisas más do mundo, mas o objetivo do jogo é pôr a confusão em ordem, e quem o fizer melhor é o vencedor. A seguir baralhamos as cartas mais uma vez e jogamos de novo, e o mesmo acontece com o mundo.»

Esta história, obviamente mítica na sua forma, não é apresentada como uma descrição *científica* do modo como as coisas são. Baseada nas analogias dos jogos e do teatro, e utilizando a palavra «Deus», já muito gasta, para designar o Jogador, a história só pretende *parecer-se* com o que as coisas são. Utilizo-a da mesma forma que os astrónomos usam a imagem de um balão a encher, um balão preto com manchas brancas a representar as galáxias, para explicarem

o universo em expansão. No entanto, para a maior parte das crianças, e para muitos adultos, o mito é ao mesmo tempo inteligível, simples e fascinante. Em contrapartida, muitas outras explicações míticas do mundo são grosseiras, tortuosas e ininteligíveis, mas muitas pessoas pensam que acreditar nas proposições e nos símbolos ininteligíveis das suas religiões é o teste da verdadeira fé. «Eu acredito», disse Tertuliano sobre o cristianismo, «porque é absurdo.»

As pessoas que pensam por si próprias não aceitam ideias com este tipo de argumento. Não se sentem obrigadas a acreditar em milagres ou doutrinas estranhas, como Abraão se sentiu obrigado por Deus a sacrificar o seu filho Isaac. Como disse T. George Harris:

As hierarquias sociais do passado, em que um chefe acima de nós punia sempre qualquer erro, condicionavam os homens a sentir uma cadeia de autoridade severa que chegava até «lá acima». Nós não sentimos esse vínculo na liberdade igualitária de hoje. Nem sequer temos, desde o Dr. Spock, muitos pais semelhantes a Jeová na família humana. Assim, o inconsciente médio já não aprende a procurar o perdão de um Deus impiedoso nas alturas.

Mas ele continua:

A nossa geração vive um inferno frio, um confinamento solitário nesta vida, sem um Deus para nos condenar ou salvar. Até o homem descobrir a armadilha e capturar «o Derradeiro Fundamento do Ser»,

ele não terá nenhum motivo para a sua existência. Vazio, finito, sabe apenas que em breve morrerá. Como esta vida não tem sentido e não vê nenhuma vida futura, ele não é verdadeiramente uma pessoa, mas sim uma vítima da autoextinção³.

«O Derradeiro Fundamento do Ser» é o termo descontaminado de Paul Tillich para «Deus», e também serviria para «o Eu do mundo», tal como o emprego na minha história para crianças. Mas o segredo que a minha história transmite à criança é que o Derradeiro Fundamento do Ser é o *Eu*. Não é, claro, o Eu quotidiano que o Fundamento assume, ou «finge» ser, mas aquele Eu íntimo que escapa à inspeção porque ele é sempre o inspetor. Este é, então, o tabu dos tabus: você é ISSO!

No entanto, na nossa cultura, esta é a pedra de toque da insanidade, a mais negra das blasfêmias e a mais selvagem das ilusões. Isto, acreditamos, é o máximo da megalomania — uma ênfase do ego até ao completo absurdo. Porque embora, por um lado, cultivemos o ego, por outro, derrubamo-lo. De geração em geração, massacramos os nossos filhos para os ensinar a «saberem o seu lugar» e a comportarem-se, a pensarem e a sentirem a devida modéstia, como convém a um pequeno ego entre muitos. Como a minha mãe costumava dizer: «Tu não és o único seixo da praia!» Qualquer pessoa, no seu perfeito juízo, que acredite que é Deus deveria ser crucificada ou queimada na fogueira, embora agora tenhamos a opinião mais caridosa de que

³ Uma discussão dos pontos de vista do teólogo Paul Tillich em «The Battle of the Bible», *Look*, Vol. XIX, N.º 15. 27 de julho de 1965, p. 19.

ninguém no seu perfeito juízo poderia acreditar em tal disparate. Só um pobre idiota poderia ver-se a si mesmo como o onnipotente governante do mundo e esperar que todos os outros se prostrassem e o adorassem.

Mas isso acontece porque pensamos em Deus como o Rei do Universo, o Tecocrata Absoluto que controla pessoal e conscientemente todos os pormenores do seu cosmos — e não é esse o tipo de Deus da minha história. De facto, não é de todo a *minha* história, pois qualquer estudante de história das religiões saberá que ela vem da Índia antiga e que é a forma mítica de explicar a filosofia vedanta. Vedanta é o ensinamento dos *Upanishads*, uma coleção de diálogos, histórias e poemas, alguns dos quais remontam a pelo menos 800 a.C. Os hindus sofisticados não pensam em Deus como uma superpessoa especial e separada que *governa* o mundo a partir de cima, como um monarca. O seu Deus está «abaixo» e não «acima» de tudo, e ele (ou isso) *conduz* o mundo a partir de dentro. Poder-se-ia dizer que, se a religião é o ópio do povo, os hindus têm uma droga interior. Além disso, nenhum hindu pode perceber que é Deus sob um disfarce sem se aperceber ao mesmo tempo de que isso se aplica a todos e a tudo o resto. Na filosofia vedanta, não existe nada à exceção de Deus. *Parece* haver outras coisas além de Deus, mas apenas porque ele está a sonhá-las e a fazer delas os seus disfarces para jogar às escondidas consigo próprio. O universo de coisas aparentemente separadas é, portanto, real apenas durante algum tempo, não é eternamente real, porque aparece e desaparece à medida que o Eu se vai escondendo e procurando a si mesmo.

Mas a filosofia vedanta é muito mais do que a ideia ou

a crença de que isto é assim. É fundamentalmente e acima de tudo a *experiência*, o conhecimento imediato de que isto é assim e, por isso mesmo, é uma subversão completa da nossa forma habitual de ver as coisas. Ela vira o mundo de dentro para fora e de fora para dentro. Da mesma forma, há um ditado atribuído a Jesus que diz:

*Quando fizerdes dos dois um só, e
quando fizerdes o interior como o exterior
e o exterior como o interior e o que está em cima como
o que está em baixo...
então entrareis [no Reino]...⁴
Eu sou a Luz que está acima
de todos eles, Eu sou o Todo,
o Todo saiu de Mim e o Todo voltou a Mim. Fende um
[pedaço de] madeira,
Eu estou lá; levanta uma pedra e encontrar-Me-ás aí.^{5,6}*

Atualmente, a disciplina vedanta chega até nós depois de séculos de envolvimento com todas as formas, atitudes e símbolos da cultura hindu, no seu florescimento e lento desaparecimento ao longo de quase 2800 anos, gravemente ferida pelo fanatismo islâmico e corrompida pelo puritanismo britânico. Como é frequentemente referido, a filosofia vedanta não tem nenhuma ressonância no Ocidente e atrai

⁴ Evangelho apócrifo de São Tomé, 22. (N. de T.)

⁵ Evangelho apócrifo de São Tomé, 77. (N. de T.)

⁶ A. Guillaumont e outros, *The Gospel According to Thomas*. Harper & Row, Nova Iorque, 1959, pp. 17-18, 43. Um manuscrito copta recentemente descoberto, possivelmente traduzido de uma antiga versão grega de cerca do ano 140. O «Eu» e o «Me» são referências óbvias ao Eu disfarçado.

sobretudo o tipo de pessoas fastidiosamente espirituais e diáfanas, para quem a encarnação num corpo físico é demasiado repugnante para ser suportada⁷. Mas é possível enunciar os seus fundamentos numa linguagem atual e, quando isso é feito sem adereços exóticos, terminologia sânscrita e posturas de espiritualidade excessivas, a mensagem não só é clara para as pessoas que não têm nenhum interesse especial pelas «religiões orientais», como é também o choque de que precisamos para sairmos da nossa sensação isolada do eu.

Mas isto não deve ser confundido com as nossas ideias habituais sobre a prática do «altruísmo», que é o esforço para nos identificarmos com os outros e com as suas necessidades, enquanto continuamos a ter a forte ilusão de não sermos mais do que um ego contido num corpo. Esse «altruísmo» é suscetível de ser um egoísmo altamente refinado, comparável ao do grupo interno que faz o jogo do «nós somos mais tolerantes do que tu». A filosofia vedanta, originalmente, não era moralista; não incitava as pessoas a imitarem os santos sem partilharem as suas verdadeiras motivações, ou a imitarem as motivações sem partilharem do conhecimento que as desencadeia.

Por esta razão, O Livro que eu passaria aos meus filhos não conteria sermões, nem deveres e ordens. O amor genuíno vem do conhecimento, não de um sentimento de dever ou de culpa. Gostarias de ser uma mãe inválida com uma filha que não se pode casar porque sente que deve cuidar de ti e por isso te odeia? O meu desejo seria dizer, não como as coisas deveriam ser, mas como elas são, e como e por que razão as ignoramos tal como elas são. Não se pode ensinar

⁷ Digo «sobretudo» porque tenho conhecimento de algumas exceções muito especiais, tanto aqui como na Índia.

um ego a ser outra coisa a não ser egoísta, embora os egos tenham as formas mais subtis de fingir que se transformam. O fundamental é, portanto, dissipar, pela experiência e pela vivência, a ilusão de si mesmo como um ego separado. As consequências podem não ser um comportamento de acordo com as linhas da moralidade *convencional*. Pode muito bem ser como os conservadores diziam de Jesus: «Olhem para ele! Um glutão e um beberrão, um amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores!»

Além disso, ao ver através da ilusão do ego, é impossível pensar em si próprio como melhor ou superior aos outros por o ter feito. Em todas as direções existe apenas o Eu a jogar os seus inúmeros jogos das escondidas. Os pássaros não são *melhores* do que os ovos dos quais partiram. De facto, pode dizer-se que um pássaro é a forma de um ovo se transformar noutros ovos. O ovo é o ego, e o pássaro é o Eu libertado. Existe um mito hindu do Eu como um cisne divino que pôs o ovo do qual o mundo nasceu. Por isso, nem sequer estou a dizer que você *deve* sair da sua casca. Um dia, de alguma forma, você (o verdadeiro você, o Eu) fá-lo-á de qualquer maneira, mas não é impossível que o jogo do Eu permaneça sem despertar na maior parte dos seus disfarces humanos, e assim encerrar o drama da vida na Terra numa vasta explosão. Outro mito hindu diz que, à medida que o tempo passa, a vida no mundo vai piorando cada vez mais, até que, finalmente, o aspeto destrutivo do Eu, o deus Shiva, faz uma dança terrível que consome tudo em fogo. Seguem-se, diz o mito, 4.320.000 anos de paz total, durante os quais o Eu é apenas ele próprio e não joga às escondidas. Então, o jogo recomeça, começando como um universo de

perfeito esplendor que começa a deteriorar-se apenas ao fim de 1.728.000 anos, e cada ronda do jogo é concebida de tal forma que as forças das trevas se apresentam apenas durante um terço do tempo, desfrutando no final de um triunfo breve mas bastante ilusório.

Atualmente, calculamos a vida deste planeta em períodos muito mais vastos, mas, de todas as civilizações antigas, os hindus tinham a visão mais imaginativa do tempo cósmico. Mas, lembre-se, esta história dos ciclos de aparecimento e desaparecimento do mundo é um mito, não uma ciência, é uma parábola e não uma profecia. É uma forma de ilustrar a ideia de que o universo é *como* o jogo das escondidas.

Se, então, não estou a dizer que *deve* despertar da ilusão do ego e ajudar a salvar o mundo do desastre, porquê O Livro? Porque não recostar-se e deixar as coisas seguirem o seu curso? Simplesmente porque, em parte, é do «curso das coisas» que eu escrevo. Como ser humano, está na minha natureza apreciar e partilhar a filosofia. Faço-o da mesma forma que algumas aves são águias e outras são pombas, algumas flores são lírios e outras são rosas. E também me apercebo de que, quanto menos pregar, mais hipóteses tenho de ser ouvido.